

ANÁLISE DO MOVIMENTO EUGÊNICO NO BRASIL DURANTE OS PRIMEIROS ANOS DA DÉCADA DE 1920

Edson Matheus Leal Ercego, 3º EM técnico
Bruna Eduarda Reidel, 3º EM técnico

Orientadora: Nicheli Rodrigues Santos
nicheli.santos@escola.pr.gov.br

Colégio Estadual Jardim Porto Alegre, Toledo, Paraná

Resumo

O Movimento de Eugênia no Brasil surgiu em 1914, junto ao movimento médico sanitário e à psiquiatria, originando a "Sociedade Eugênica de São Paulo", que consistiu na disseminação de informações pseudocientíficas, reforçando ideias racistas ligadas à biogenética, higiene, valores morais, entre outros e conquistou o apoio de célebres "homens da ciência". O movimento buscava comprovar a existência de características físicas e comportamentais superiores, inspirado em teorias europeias. A atual pesquisa busca analisar o conceito de Eugênia apresentado como fato científico na década de 1920 no Brasil, mudanças de tratamento do tema nas décadas seguintes e a compreensão na contemporaneidade, através da leitura e análise dos boletins divulgados naquele período e do relatório do Primeiro Congresso de Eugênia. O estudo encontra-se em andamento, buscando mais evidências sobre esse período que visou promover o branqueamento da população brasileira. Objetiva identificar os interesses envolvidos na apresentação do assunto como verdade científica, relacionando tal ideologia e discurso com a falta de políticas públicas de inserção dos ex-escravos na sociedade e as consequências para a população afrodescendente brasileira. Em primeiro momento, para o Fecci, será apresentado reflexões dos boletins de 1920, reconhecendo as principais ideias, pensamentos defendidos, espaço de circulação e sujeitos envolvidos na produção.

Palavras-chave: eugenia; boletins; verdade na ciência; branqueamento da população; racismo estrutural.

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objetivo analisar, por meio de boletins e artigos, o funcionamento do processo eugênico no Brasil e suas repercussões na sociedade até a contemporaneidade. Serão utilizados registros de diferentes períodos e realizado um estudo aprofundado acerca dos impactos desse processo na sociedade, na economia e na cultura, “aprimoramento da raça humana pela seleção dos genitores tendo como base o estudo da hereditariedade” (Maciel, 1999, p. 121). Os divulgadores da eugenia eram intelectuais, médicos, políticos reacionários e racistas, os quais posteriormente teriam fortes ligações ao nazi-fascismo e ao arianismo (Adams, 1990).

Apesar da ideologia racial defendida ter se subdividido em diferentes pontos ao chegar à América Latina, o movimento eugênico se uniu de forma direta à ideia de construir uma “verdadeira nacionalidade”. Dessa maneira os eugenistas tinham como foco exceder a heterogeneidade da

“população mestiça” para que desse modo à homogeneização fosse possível para uma nacionalidade verdadeira, afirma a historiadora Nancy Leys Stepan.

No Brasil o processo eugênico começou a ser explorado posterior à Primeira Guerra Mundial. Vigente ao momento pelo qual o país estava vivendo, com grandes discussões e debates sobre o futuro racial da nação, em foco pela chegada dos europeus na imigração, moldando a ideia de industrialização dependente de reformas sociais especialmente em relação à saúde pública, à educação e à formação racial da população (Skidmore, 1976; Oliveira, 1990; Stepan, 2005; Lima, 2007). Deste modo foram utilizadas ferramentas baseadas na higiene, no saneamento e no combate a “venenos raciais” como, alcoolismo, tabagismo, sífilis e outras doenças infecciosas, sendo intitulado como “eugenia preventiva”.

Diante dos ideais de eugenia supramencionados, a elite intelectual e política brasileira idealizou uma imagem para o “homem brasileiro”, sendo ela definida pelo conceito de “Jeca”; doente e preguiçoso, tal qual havia definido o escritor Monteiro Lobato, em um “Jeca bravo” e trabalhador (Lima, Hochman, 1996).

Durante esse período foram utilizados discursos que posteriormente tiveram influenciado discursos nazi-fascistas sobre o nacionalismo que procuravam associar à eugenia à política nacional, já que para Kehl não eram existentes soluções fora das leis biológicas para males da sociedade, ideia exposta em sua obra “Sexo e Civilização: aparas eugênicas” “não há política racional, independente dos princípios biológicos, capaz de trazer paz e felicidade para os povos. Eis, por que, a política, por excelência, é a política biológica, a política com base na eugenia” (KEHL, 1933, apud SOUZA, 2006, p. XX). Desta mesma forma, Oliveira Vianna se destacava na intenção de desenvolver uma verdadeira nacionalidade para o homem brasileiro, verdadeiramente forte, composto por uma “elite de eugênicos”

Na procura de criar a “verdadeira nacionalidade”, a partir da “elite de eugênicos”, os eugenistas entendiam que havia necessidade de atitudes radicais, tais como esterelização, pena de morte, controle de imigrantes, obrigatoriedade dos exames pré nupciais, proibição do casamento inter-racial e para portadores de doenças contagiosas, entre outros, precisariam ser monitoradas para o sucesso do programa. (ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.) Octávio Domingues, portanto, sugeria que o controle do nascimento, a esterilização obrigatória e pena de morte seriam essenciais para exterminar imediatamente os “agentes de perturbação da vida social.” O objetivo geral desta pesquisa é investigar a eugenia apresentada como fato científico no Brasil da década de 1920, observando as mudanças em seu tratamento nas décadas seguintes e sua compreensão na atualidade. Para isso, busca-se analisar os boletins de eugenia produzidos nesse período, avaliar o uso dessa pseudociência na propagação de informações falsas, compreender os interesses que levaram à sua divulgação como verdade científica e, por fim, acompanhar os caminhos que o conceito de eugenia tomou após os anos 1920, refletindo sobre as consequências de sua legitimação enquanto saber científico.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Nesta primeira etapa da pesquisa buscamos analisar os primeiros cinco anos de produção dos boletins de eugenia. Nesse sentido, buscamos responder alguns questionamentos tais como: Principais assuntos que perpassam estes Boletins. Quem os escreve? Existem ideias sobre eugenia

que se repetem neste material? Como os boletins são organizados, existe um padrão de organização? Quais os locais em que circulavam? Existe algum espaço no texto que permita identificar um público alvo ao qual esses boletins se destinam? Ao lançar tais questionamentos tivemos por base as metodologias de trabalho com imprensa elencados no texto Na oficina do historiador:

Os diversos materiais da Imprensa, jornais, revistas, almanaques, panfletos, não existem para que os historiadores e cientistas sociais façam pesquisa. Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe. (Cruz; Peixoto, 2007, p.258.)

Ao buscar de acordo com a presente pesquisa, pontuamos que Renato Ferraz Kehl foi um dos principais escritores e diretores dos boletins de eugênia no Brasil, também um dos maiores contribuintes para a difusão dos ideais eugênicos. Kehl, nascido em Limeira, São Paulo no ano de 1889, um ano após a abolição da escravidão no Brasil era filho de Joaquim Maynert Kehl e Rita de Cassia Ferraz Kehl, da considerada “família tradicional” para os padrões da época. Além disso, seus antecessores eram imigrantes alemães. Kehl era formado nos cursos de medicina e farmácia, cursos que para o período eram de alto custo e baixo acesso, o que indica que seu núcleo familiar detinha condições financeiras acima da média.

Em 1918, Kehl e seus apoiadores fundaram a “Sociedade Eugênica de São Paulo”, na mesma temporada ele passou a dirigir a academia brasileira de eugenia e apenas em 1929 os boletins começaram a ser publicados pelo Instituto Brasileiro de Eugenia.

Como descrito nos boletins, era necessário a esterilização de “degenerados” e controle do casamento inter-racial, utilizando do preconceito racial, populacional e trabalhista para instaurar um novo “tipo humano” como descrito no boletim de janeiro de 1929 “a concepção eugenica de aperfeiçoar a humanidade. Favorecendo o nascimento de seres robustos e belos, remonta, como deixei claro de muitos séculos”

Esses mesmos boletins tinham como público alvo principalmente médicos, professores, juristas e estudantes de medicina, já que Kehl incentivava tais estudos “cabe a médicos e professores transmitir noções de eugenia” dito pelo mesmo. Tais afirmações mostram as intenções de atingir a elite formadora de opiniões e letrados de “boa família”. Ao mesmo tempo, havia esforços para ampliar a circulação destas informações para a sociedade, usando imprensa e educação como canais de transmissão.

RESULTADOS ESPERADOS/PARCIAIS

O projeto utiliza como base a leitura de boletins e a leitura de artigos sobre a eugenia, esse boletins eram anualmente lançados (um por mês), eram escritos durante congressos que ocorriam durante os meses, estes congressos eram dirigidos por higienistas, médicos, juristas e intelectuais, da época. Embora o presente trabalho encontra-se em desenvolvimento, pode-se analisar de forma

Impida os objetivos do Movimento de Eugênia, como, seus discursos racistas e quem os disseminavam, seus reflexos na sociedade, quais são infinitésimos e complexos; presentes diariamente na contemporaneidade. Ainda que para resultados mais objetivos necessite de uma análise mais minuciosa

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES

No momento da submissão desta pesquisa, foram analisados os principais fatores que envolveram o Movimento de Eugênia no Brasil, além disso, os boletins publicados, elementos expostos nos anos de 1929 e 1930. Foram identificados seus dirigentes e autores, a forma como os boletins eram organizados, os meios de circulação utilizados e o público-alvo a que se destinavam.

REFERÊNCIAS

COSTA, Sérgio. A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo. *Tempo Social*, v. 13, n. 1, p. 143-158, 2001. Disponível em: [\[https://doi.org/10.1590/S0103-20702001000100006\]](https://doi.org/10.1590/S0103-20702001000100006)(<https://doi.org/10.1590/S0103-20702001000100006>).

DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007. Disponível em: [\[https://editoracontexto.com.br/produto/raca-pura/\]](https://editoracontexto.com.br/produto/raca-pura/)(<https://editoracontexto.com.br/produto/raca-pura/>).

FERLA, Luis. Concursos eugênicos e práticas educativas no Brasil (1920–1940). *Redalyc – Rede de Revistas Científicas da América Latina*, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3861/386164937005/html/>

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nisia Trindade. Renato Kehl e Roquette-Pinto: controvérsias na eugenia brasileira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, 2004. Disponível em: <https://revistahcsm.coc.fiocruz.br/renato-kehl-e-roquette-pinto-controversias-na-eugenia-brasileira/>

KEHL, Renato. *Eugenia e medicina social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917.^[1]http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg257285/drg257285.pdf

KEHL, Renato. *A eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1918.^[2]http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg257286/drg257286.pdf

